

POR TRÁS DA FUNDAÇÃO CASA

Rebeliões revelam a falência do projeto de ressocialização

Por Natália Keiko
e Raphaelle Limas

Internos da Fundação Casa do complexo da Vila Maria realizaram uma rebelião na unidade, no dia 06 de Abril, ateando fogo em colchões e mantendo funcionários reféns.

No mesmo dia a rebelião foi controlada por PM's da Tropa de Choque que conduziam as negociações. Segundo a assessoria da instituição, o motivo da revolta teriam sido uma fuga frustrada. Segundo a mesma assessoria, apenas dois internos e dois funcionários feitos reféns saíram feridos.

O episódio do dia seis, no entanto, revela mais do que apenas mais uma rebelião de menores. Traz a tona uma questão cada vez mais clara à sociedade: a falência das instituições prisionais brasileiras.

Procurando respostas aos problemas que originaram a rebelião na unidade da Vila Maria (e originam as muitas rebeliões nas diversas unidades prisionais do País), chegou-se à presidente da Fundação AMAR (Associação de Mães e Amigos de Adolescentes em Risco), Conceição Paganele, mãe de um ex-interno da antiga FEBEM, hoje Fundação Casa.

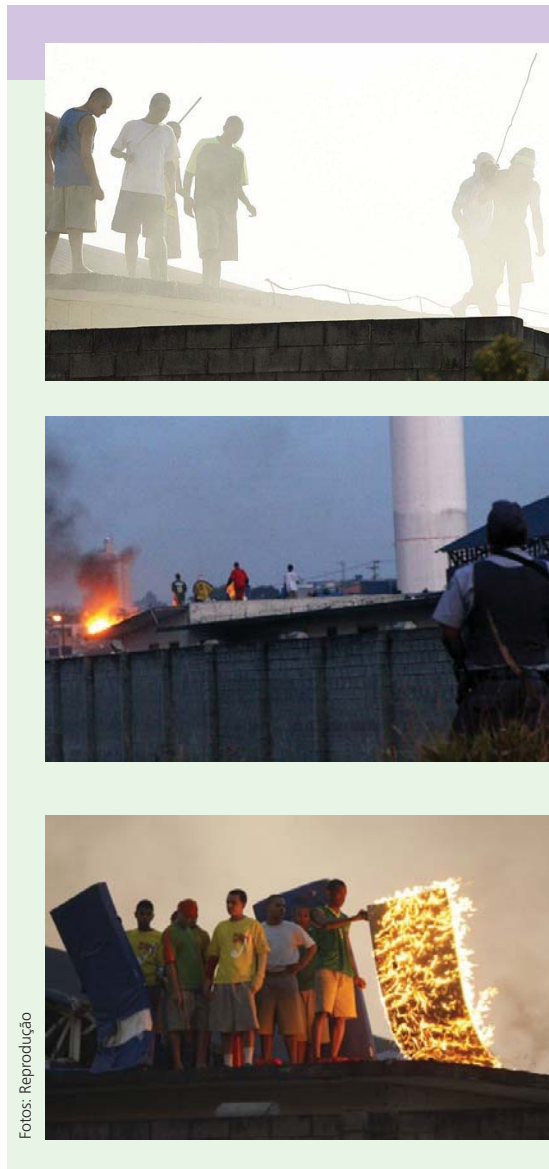
Fundada em 1998, a associação procura desenvolver projetos sociais com a parceria das famílias dos internos, além de conscientizar os pais sobre a importância da sua participação no processo de ressocialização dos menores. Em entrevista realizada no dia 13 de Abril, a coordenadora do projeto falou sobre a história da Associação e sobre os diversos problemas enfrentados pelos internos.

Dona Conceição relatou que inicialmente a ideia da associação veio quando seu filho, usuário de drogas, se tornou interno da antiga FEBEM, em 1998. Como mãe, pode presenciar de perto todos os problemas vividos pelos menores dentro da instituição.

O descaso das autoridades com a proteção ao menor foi percebido pela coordenadora do projeto antes mesmo de seu filho se tornar interno. No início do envolvimento dele com as drogas, chegou a procurar meios de interná-lo em clínicas de reabilitação, buscando ajuda em diversos órgãos como Conselho Tutelar, Fórum de Justiça, Igrejas e inclusive entre parlamentares e vereadores. Não obteve sucesso em nenhum deles. Nas suas palavras: "Para pobre não tem resposta".

Dona Conceição relatou que os adolescentes chegam à instituição em um momento de grande fragilidade por não saberem com quem estão lidando, muito menos como serão tratados. Lá dentro, muitas vezes acabam tomando posturas autoritárias como forma de sobrevivência, assumindo personalidades muitas vezes diversas das que tinham quando chegaram. "Eles se assumem como durões", e essa postura, nos relata Dona Conceição, "é a forma de se "garantirem lá dentro".

A ideia então foi reunir as mães dos internos para que juntas discutissem melhor os pro-



Fotos: Reprodução

blemas enfrentados por seus filhos dentro da Instituição. Segundo a coordenadora do projeto, a maioria dos meninos são negros, de origem humilde e moradores da periferia, que muitas vezes entram na Fundação por causa das drogas; ou pelo tráfico, ou pelo próprio consumo. Lá dentro, "os adolescentes são tratados de forma repressiva, torturados pelos próprios coordenadores e funcionários". Dentre os muitos problemas da instituição, destacam-se a violência, a opressão e, sobretudo, a tortura feita pelos próprios funcionários da fundação. Segundo ela, muitos foram mortos e outros desapareceram sem explicação.

A principal atuação da associação é em conjunto com os pais dos menores, conscientizando-os da importância do apoio da família nesse momento. Segundo ela, a família deve ser protagonista nesse processo. Uma vez cientes de seus direitos e, principalmente, do direito de seus filhos, é o momento da família e dos próprios adolescentes refletirem sob sua situação. A partir daí podem lutar pelo respeito aos direitos individuais dos menores, garantidos pelo ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

Com essa conscientização, "muda-se o tratamento". A cobrança vem então dos próprios pais, que procuram se organizar e criar meios de mobilizar a opinião pública, chegando até as autoridades.

No começo da associação, a maior dificuldade teria sido a mobilização das mães, pois a ideia do

“ELES SE ASSUMEM COMO DURÕES, E ESSA POSTURA, É A FORMA DE SE GARANTIREM LÁ DENTRO”
(DONA CONCEIÇÃO)

projeto significava assumir os erros de seus filhos. Contudo, com o tempo, muitas mães acabaram aderindo à iniciativa, participando mais ativamente do movimento e desenvolvendo projetos para serem ministrados dentro da própria Fundação.

Nas palavras de Dona Conceição, a mídia mascara todos os problemas internos da Instituição, desde violência e maus-tratos até problemas estruturais, como superlotações e falta de higiene. As rebeliões feitas pelos internos, sempre anunciadas pela assessoria de imprensa da Instituição como conseqüências de tentativas frustradas de fuga, acabam se tornando a única forma dos menores expressarem sua revolta com o tratamento violento dispensado dentro das unidades. Geralmente estas rebeliões têm como estopim a insuportabilidade da violência vivenciada pelos menores. "Eles não sabem se vão sair vivos dali e também é uma forma de chamar a atenção das autoridades e de organizações". Segundo relatou a mãe de um dos internos da Unidade da Vila Maria, dentre diversos outros problemas, os adolescentes estariam sofrendo maus-tratos, recebendo comida fria e roupas apenas uma vez por semana.

Questionada acerca do projeto que transformou a Febem em Fundação Casa, dona Conceição julga tal mudança como uma hipocrisia – "não mudou nada".

Sobre os maiores problemas enfrentados pelos internos, destaca-se o preconceito sofrido ao saírem da instituição. O mercado de trabalho e a própria sociedade acaba não aceitando o jovem de volta, e essa situação acaba os levando de volta ao crime.

Hoje, mais de dez anos depois, os objetivos da Associação continuam os mesmos: dar apoio às famílias, conscientizando-as de seus direitos e deveres. Segundo ela, sob os olhos vigilantes das famílias conscientes do direito de seus filhos, os internos se sentem mais seguros e menos abandonados. Além disso, com essa conscientização, os abusos da Instituição podem ser escancarados para a sociedade, chamando a atenção das autoridades e da sociedade civil.

A questão que fica ao final é como tendo um dos maiores orçamentos do estado, a instituição ainda apresenta tamanhas dificuldades para solucionar problemas estruturais, convivendo diariamente com denúncias de abusos e maus-tratos dentro de sua própria administração. A constatação é que até hoje as diferenças sociais ainda garantem a todos, e neste caso aos adolescentes infratores, um tratamento muito diferenciado por parte do Estado. Numa instituição como a Fundação Casa, em meio aos desmandos das autoridades, o que menos se nota é o processo de ressocialização, objetivo de todo sistema prisional brasileiro.

Dona Conceição foi indicada ao prêmio Nobel da Paz em 2002.